

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

6, 8 e 17 de Janeiro de 2026

Battleground / 1949

A Grande Batalha

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Robert Pirosh *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Paul C. Vogel *Música original:* Lennie Hayton *Montagem:* John Dunning *Direcção Artística:* Cedric Gibbons, Hans Peters: H.W.O. Kinnard *Interpretação:* Van Johnson (Holley), John Hodiak (Jarvess), Ricardo Montalban (Roderiguez), George Murphy (Ernest "Pop" Stazak), Marshall Thompson (Jim Layton), Jerome Courtland (Abner Spudler), Don Taylor (Standiford), Bruce Cowling (Wolowicz), James Whitmore (Kinnie), Douglas Fowley ("Kipp" Kippton), Leon Ames (Capelão), Guy Anderson (Hansan), Thomas E. Breen (Doc), Denise Darcel (Denise), Richard Jaeckel (Bettis), Jim Arness (Garby), Scotty Beckett (William J. Hooper), Brett King (Tenente Teiss), Roland Varno (Oficial alemão), Edmon Ryan (Major), Michael Browne (Levinstein), Jim Drum (Sargento), Dewey Martin, Tom Noonan, David Holt, George Offerman Jr, William Self, George Chandler, Jerry Paris, Tommy Kelly, etc.

Produção: MGM (EUA, 1949) *Produtor:* Dore Schary *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original legendada electronicamente em português, 118 minutos *Título de trabalho:* Prelude to Love *Estreia Mundial:* 11 de Novembro de 1949, Astor, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 13 de Março de 1951, São Luiz, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 13 de Novembro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Notas

O texto da "folha" em distribuição, agora revisto e editado, foi escrito em 1993, por altura da primeira passagem do filme na Cinemateca, no contexto do ciclo "Redescobrir William A. Wellman".

Programado para duas projecções única nos dias 6 e 17 de Janeiro, BATTLEGROUND vai ser mostrado também no dia 8, numa alteração forçada que substitui, na sessão, WILD BOYS OF THE ROAD cuja cópia se encontra inexplicavelmente retida na Alfândega.

Recordei **The Ox-Bow Incident** a propósito de **Yellow Sky** por causa da sequência de abertura. Acontece que também se podem fazer comparações entre o primeiro daqueles filmes e o que vamos ver, e que é não só o melhor filme de guerra de Wellman (apesar de rivais do peso de **Wings**, **The Story of G.I. Joe** e **Darby's Rangers**) mas também um dos melhores jamais feitos: **Battleground**. Que semelhanças (para além do tema do "grupo" comum a tantos filmes de Wellman) ligam o western e o filme de guerra? Esteticamente várias, mas a de maior peso é o facto de ambos os filmes terem sido feitos inteiramente em estúdio. E se a duração e concentração da acção de **Ox-Bow Incident** se casava perfeitamente com o método, em **Battleground** revelava-se muito mais difícil. O prodígio de **Battleground** não é não deixar sentir o artifício (que de facto não se sente) mas utilizá-lo para criar o clima de claustrofobia em que vive aquele grupo de homens perdidos na mais incerta das batalhas no fim da Segunda Guerra Mundial: a batalha das Ardenas em que as tropas aliadas se viram, no Inverno de 1944, quase num beco sem saída. **Battleground** mostra, se tal fosse ainda preciso, depois de **The Story of G.I. Joe**, que o "desprezo" do aviador Wellman pela Infantaria não era mais do que uma "boutade". Wellman foi o realizador dos dois filmes que melhor celebram o sacrifício e o espírito de equipa do "simples soldado" (como cantava Kipling nas suas "Barrack Room Ballads").

Battleground teve vida acidentada. O projecto de Dore Schary estava previsto para ser feito em 1947, na RKO, mas este estúdio acabaria por cair nas mãos de Howard Hughes e sabe-se o que lhe aconteceu. Entre o milionário e Schary travou-se um conflito pelo poder dentro do estúdio que terminou com a saída do segundo. Schary iria para a MGM para novas produções e novas "birras". E uma delas foi por causa do argumento de **Battleground**, que levou consigo e cujo primeiro título era **Prelude to Love** (que praticamente nada tem a ver com o tema e se destinava a "lançar poeira" aos olhos da concorrência). E a "birra" teve a ver com o facto de os directores não acreditarem na possibilidade de êxito de **Battleground** justificando-se com o cansaço do público pelos filmes de guerra, visível nos resultados de bilheteira.

Schary acreditou, teimou e impôs o argumento. A MGM acabou por aceitar contando com o desastre para poder correr com o teimoso. Desta vez, e ao contrário de **The Story of G.I. Joe**, previsto para ser dirigido por John Huston depois do seu trabalho no documentário **The Battle of San Pietro**, e que devido a encontrar-se ainda no activo militar acabou por ser substituído por Wellman, que aceitou apenas porque o "biografado", Ernie Pyle, insistiu com ele, desta vez, o projecto foi de imediato entregue a Wellman. O realizador lera o argumento e ficara entusiasmado considerando-o "*a hell of a script*". Wellman lançou-se com afinco ao trabalho, com a economia e rapidez conhecidas, utilizando praticamente apenas um dos *stages* da companhia. As filmagens acabaram vinte dias antes do prazo e com cem mil dólares de economia em relação ao orçamento previsto (eis uma lição que muitos deviam aprender). O resultado: **Battleground** foi um dos maiores êxitos comerciais da MGM no ano da sua produção (1949) e seria nomeado para seis Óscares, tendo ganhado dois, para o argumento (Robert Pirosh) e para a fabulosa fotografia a preto-e-branco (de Paul C. Vogel).

Os "Battered Bastards of Bastogne", como ficaram conhecidos os "Screaming Eagles", tiveram em Wellman o "cantor" da sua luta de resistência não através do empolamento de grandes feitos heróicos mas, à semelhança dos outros G.I. Joe que o realizador tão bem retratara, pelo heroísmo quotidiano, a sobrevivência, o espírito de equipa, o sentido do dever (o espantoso final em que os sobreviventes se arrastam cansados pela estrada e, de súbito, se endireitam e marcham rigorosamente cruzando-se com a fornada fresca de soldados que avançam em sentido oposto) e o humor, feito de irresistíveis pormenores picarescos (Van Johnson que anda pelo menos durante duas bobinas do filme tentando fazer uma omelete no capacete!; o soldado com a dentadura postiça, lembrando o Walter Brennan de **Red River**, de Hawks; o uso "higiénico" que um dos soldados vai dar ao panfleto lançado pelos alemães). Todo o filme se concentra, antes de mais, nos pequenos pormenores da vida em comum dos soldados sem procurar qualquer embelezamento artificial.

Se é um dos filmes mais estilizados de Wellman (como **Track of the Cat**) é na utilização dos cenários com a magnífica direcção artística de Hans Peters (desde há muito que Cedric Gibbons mais não era do que um supervisor geral de todos os trabalhos da MGM) e a fotografia de Vogel com o uso das neblinas que dão ao filme uma atmosfera simultaneamente física e irreal. O melhor exemplo é uma cena espantosa pouco depois do começo do filme, quando o grupo de soldados cai numa emboscada dos alemães caindo os morteiros no meio deles. De súbito, um plano mostra uma cruz com um Cristo que parece pairar acima da desolação do campo de batalha num daqueles planos "sentados" tão ao gosto de Wellman (Fui referindo estes enquadramentos como planos ao nível do chão, o que não está correcto. Ao contrário de Ozu, que colocava a câmara quase a esse nível, relacionado com rituais cerimoniais do Japão, Wellman coloca-a à altura de uma pessoa sentada, o que corresponde ao seu "olhar" e, no fim de contas, ao de qualquer realizador "sentado" durante as filmagens). Este plano siderante e estranho será lembrado (disso não restam dúvidas) uns bons trinta anos depois por Samuel Fuller em **The Big Red One**. Esta estilização e o trabalho de estúdio não retiram ao filme a sua característica mais sugestiva e que mais o aproxima de **The Story of G.I. Joe: Battleground** surge-nos também como uma espécie de "documentário" bélico devido à forte impressão de realismo que transmite, duas características que estão na base de alguns dos melhores filmes de Wellman (**The Public Enemy**, **The Wild Boys of the Road** e **Heroes for Sale**, por exemplo). E todo o filme está recheado de pormenores pasmosos: a morte de Ricardo Montalban debaixo do jeep, coberto pela neve que tanto ambicionara ver, o plano do Cristo já referido, o cão perdido entre as ruínas, o espantoso momento em que a luz do sol rompe a névoa permitindo o lançamento em paraquedas de munições e abastacimentos; os arrepiantes combates corpo a corpo e a luta de trincheiras, e tantos outros. Por tudo isto **Battleground** é um dos exemplos maiores da arte de Wellman.

Manuel Cintra Ferreira